



CADERNO DE RESUMO · SEMINÁRIO

PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



Realização:



Parceria:





PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA
Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas

✓ **Salvador**

Belo Horizonte

São Luís

Porto Alegre

Rio de Janeiro

Belém

Brasília

28 e 29
de maio
de 2024

Quadrilátero da
Biblioteca Central
do Estado da Bahia





SOBRE

LÉLIA Gonzalez

Nascida em Belo Horizonte no dia 1º de fevereiro de 1935, Lélia de Almeida mudou aos 7 anos para o Rio de Janeiro. Ela não precisou trabalhar nova, por ter muitos irmãos mais velhos. Impulsionada por eles e por sua mãe, Lélia pôde se dedicar aos estudos.

Graduou-se em História e em Geografia pela então Universidade do Estado da Guanabara, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi professora de Ensino Médio e, aos 30 anos, começou a estudar Psicanálise.

Em 1975, fundou o Instituto de Pesquisa das Culturas Negras e o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. Além de criar o primeiro curso institucional de cultura negra do Brasil.

Ainda antes dos 40, Lélia já era uma intelectual reconhecida. Foi quando se tornou ativista do movimento negro, por meio do Grêmio Recreativo de Arte Negra e Escola de Samba Quilombo, pelo qual se tornou uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado em 1978.

A partir de então, no meio intelectual começou a trabalhar para quebrar a ideologia hegemônica racista e sexista que imperava no meio acadêmico. Ela começou a abordar os debates contemporâneos do Brasil e do mundo por uma centralidade amefricana.

Concorreu a deputada federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) em 1982 e trabalhou como assessoria da então vereadora de primeiro mandato Benedita da Silva, no Rio de Janeiro. Contribuiu com a fundação tanto do PT como do PDT, além do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras e do Olodum.

SOBRE O PROJETO MEMÓRIA

Criado em 1997, pela Fundação Banco do Brasil, o Projeto Memória tem como missão resgatar, preservar e difundir a vida e a obra de importantes personalidades que contribuíram para a transformação social e a construção da cultura brasileira.

Foram realizadas 13 edições, com o objetivo de valorizar a cultura e a história do país, a partir de homenagens a personalidades e fatos que ajudaram a construir a identidade nacional e fortalecer a cidadania.

Já foram homenageados pelo Projeto Memória o poeta Castro Alves, o escritor Monteiro Lobato, o jurista Rui Barbosa, o navegante Pedro Álvares Cabral, o presidente Juscelino Kubitschek, o sanitarista Oswaldo Cruz, o sociólogo Josué de Castro, o educador Paulo Freire, a feminista Nísia Floresta, o líder da Revolta da Chibata João Cândido, o sertanista Marechal Rondon, e o poeta e escritor Carlos Drummond de Andrade.



1º DIA – 27·MAIO·2024

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas”

Salvador, BA

Convidada

Carla Akotirene



Consultora em políticas públicas. Autora dos livros: “O que é interseccionalidade?”, “Ó Paí Prezada! Racismo e sexismo tomando bonde nas penitenciárias femininas de Salvador” e “É frangente fojado dôtor vossa excelência”.

Convidada

Flávia Rios



Socióloga, professora e pesquisadora da UFF. Diretora do Instituto de Ciências Humanas e Filosofiada Universidade Federal Fluminense. É coautora do livro “Lélia Gonzalez – Retratos do Brasil Negro” e coorganizadora dos livros “Negros nas Cidades Brasileiras” e “Por um feminismo afro-latino-americano”.

Mediadora

Samira Soares



Coordenadora Geral do Movimento Negro Unificado (MNU) na Bahia. Professora em formação e ativista. Mestre em Literatura pela Universidade Federal da Bahia. Curadora e Idealizadora da Festa Literária de Lençóis (FliLençóis), influenciadora digital pelo @narrativasnegras.

Convidada

Lívia Sant’Anna Vaz



Promotora de justiça do MP-BA. Co-autora do livro “A Justiça é uma mulher negra” e autora do livro “Cotas Raciais”.

Convidada

Manu Moraes



Atriz, Analista de TI, Especialização em Docência do Ensino Superior - Unicesumar e Graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia.

PAINEL I

A Luta Antirracista e Antissexista de Lélia Gonzalez

FALAS DE ABERTURA



Lu Nascimento (apresentadora do evento): O Projeto Memória foi criado pela Fundação Banco do Brasil, com o intuito de resgatar e preservar pensamentos e contribuições de pessoas marcantes para a transformação social e construção da nossa cultura. E é por isso que a nossa querida Lélia Gonzalez é uma dessas personalidades que tanto nos inspirou, que tanto nos inspira. Hoje temos mulheres maravilhosas que beberam dessa fonte e que estão reproduzindo esse legado pra gente. É muito interessante esse nosso processo de nascer duas vezes, de nascer negra e de se tornar negra... E é um encantamento quando a gente descobre quem a gente consegue projetar isso, potencializar enquanto pessoas negras.



Rubens Rufino (filho): Tenho aqui a minha filha, que é hoje é uma guerreira, seguindo os passos da avó. Ela não teve a oportunidade de conhecer a Lélia Gonzalez, ela conheceu a Lélia, avó. Quando a minha mãe desencarnou ela tinha oito anos e logo depois ela buscou conhecer, se aprofundar. E foi com o Projeto Memória que ela conheceu profundamente e hoje é uma especialista em Lélia Gonzalez. A gente inclusive agora tá num momento importante da luta antirracista no nosso país. A gente tá num momento de institucionalização, de políticas, de promoção da igualdade racial. E eu sei que também tem o dedinho da avó Lélia no Ministério da Igualdade Racial.



Melina de Lima (neta): A nossa ministra Anielle do Ministério da Igualdade Racial também é uma das apoiadoras desse projeto. A ministra Anielle está na luta potente e forte no grande trabalho que a gente vem fazendo. Então é um orgulho danado, eu tô muito emocionada... do quão cheio está... ver todo mundo: "Por favor, me arruma mais um ingresso". Esgotou rapidamente, hoje e amanhã vai tá lotado. Então a gente fica muito feliz.

FALAS INSTITUCIONAIS



Denise Ramos (Fundação Pedro Calmon): A Lélia nos inspira, inspira nossas vidas. Pra nós que somos mulheres negras e do movimento negro, ela é inspiração pra que a gente continue diariamente na luta por justiça social, por igualdade. Então que bom que Lélia veio prá cá.



Marcos Paulo (diretor da Biblioteca Central do Estado): Aí fora tá lotado, as pessoas querendo entrar, querendo mais lugares, não temos mais nem cadeira pra colocar lá fora, né? Então é só isso mesmo, é agradecer a presença de todos aqui. E dizer que nesse mês vamos ter todos falando sobre Lélia, né? E que bom e que continuemos falando sobre ela sempre.



Juliana Oliveira (presidenta da Associação Amigos do Cinema e da Cultura): Falar de Lélia Gonzalez parece mais necessário e urgente que nunca num país em que a gente tem quatro vezes mais chances de um homem negro morrer, do que um branco e que a gente vê empresas se negando a abrir o salário dos seus funcionários pra saber se há ou não o pagamento desigual entre homens e mulheres. Lélia começou uma luta que ainda não terminou...

FALAS DO SEMINÁRIO



Samira Soares (mediadora): Esse movimento de Lélia seria um resgate do “pretuguês”, quando nas suas obras a gente tem termos como “Fragrante”, “dôtor”. Uma perspectiva de enunciar essa epistemologia negra a partir de um confronto também à essa elite intelectual. E aí citando Lélia: “Afinal, quem é o ignorante? Como é que a gente fica?”



Carla Akotirene: Lélia é parte da minha família, é parte de quem eu sou e eu tenho um profundo amor por Lélia... É um rio epistemológico... Porque em dias atuais, o feminismo negro tem sido alvo de chacota, de ridicularização e de apagamento... essa tentativa de silenciamento, de epistemicídio... Faço questão de demonstrar que o projeto intelectual feminista negro constitui em mim a vontade de denunciar o racismo institucionalizado. Racismo e sexismo na cultura brasileira ajudaram nesses termos de configuração do que significa opressão, subordinação e exploração. O Conceito de interseccionalidade é posterior às contribuições de Lélia Gonzalez. Mas, repare que todo o esforço teórico, político de Lélia Gonzalez atravessa a década de 80, enquanto a Kimberlé Crenshaw, cunha o termo interseccionalidade somente em 1989; quando Lélia Gonzalez já tinha dito da necessidade de a gente reconhecer a mobilidade. Que o povo negro não está submetido exatamente por conta não só da estrutura do capitalismo, mas também de uma estrutura de raça, que é separada da dominação masculina e dos efeitos sexistas na cultura brasileira.

Ana Flauzina, uma feminista negra também, disse para mim na minha tese de doutorado: “Carla, por que você está citando Angela Davis se nós temos Lélia Gonzalez?”. Quando eu li “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, eu comecei a questionar todas as categorias do pensamento... Lélia Gonzalez, ela é completa. E assim passei a me dedicar a mostrar como o racismo é uma neurose na cultura brasileira, porque esse racismo esquece que nós temos como oralidade um pressuposto de toda a nossa

autoridade. E hoje, quando a gente discute controle da população, discute território, a gente diz que Lélia Gonzalez também antecipou essas discussões. Quando você vai ler, por exemplo, “Lugar de negro”, obra em parceria com Carlos Hasenbalg, vê ali a preocupação de Lélia Gonzalez em dizer que quando o negro não tem a carteira assinada, ele já é criminalizado. Nesse mesmo trabalho de Lélia Gonzalez, ela diz que o destino de uma pessoa negra é o hospício ou a cadeia... E isso Lélia já denunciou há muitos e muitos anos atrás. Em 1982, Lélia já estava falando que saúde pública e segurança pública são dois vetores de esvaziamento da população. Então Lélia Gonzalez surge no mundo mexendo em todas as estruturas de autoridade.



Samira Soares (Mediadora): Lélia afirma que todos os brasileiros, não apenas os pretos e pardos, pelo IBGE são “ladino americanos”.



Flávia Rios: Lélia é anticolonial, porque ela rejeita as categorias construídas pelo Colonialismo. Por que que ela rompe com o aspecto nacional da sociedade e da produção intelectual brasileira? Primeiro, porque toda a tradição intelectual brasileira, desde os primórdios, principalmente do início do século XX, dizia: “O racismo aqui é diferente. O racismo aqui é particular. O racismo aqui é singular”. E sabe o que eles criaram? Uma ideia de um racismo à brasileira que seria um racismo tão especial, tão específico, que ele seria até mais suave do que os outros racismos.

Então aqui o racismo seria cordial, privado, de vez em quando alguém falaria uma palavrinha aqui ou outra ali, um xingamento. Mas, não era do caráter do brasileiro, porque o brasileiro era fraterno, porque o brasileiro era alegre, porque o brasileiro não tinha hierarquias. Então ela diz: “Não. O racismo que temos aqui no Brasil é o mesmo que tem na Argentina, que tem na Bolívia, no México, na Guatemala, no Caribe, e em Cuba.” Ou seja, é um racismo por denegação. É

um racismo que se esconde, em que as pessoas não querem assumir que são racistas. É um tipo de racismo que a gente encontra por todo o lado, no cotidiano, nas frases, nas palavras, nos olhares, no jeito que se trata, no jeito que se discrimina, no lugar de negro. Esse racismo que discrimina sistematicamente, estruturalmente, todos os dias, todos os momentos. Foi contra ele que ela escreveu e contra toda uma intelectualidade que achava que isso era normal, era suave, em contraste, por exemplo, com uma discriminação ou uma segregação racial.

Então ela dizia: “Aqui não precisou se escrever em leis formalmente, aqui é o lugar do negro, aqui é o lugar do branco”. Porque todo mundo já sabia onde era o lugar do negro e onde era o lugar do branco. E ela disse também: “Para enfrentar isso é preciso dizer que não é só uma coisa específica nossa, é uma coisa que acontece, é um fenômeno que acontece em toda a América Latina e em várias outras sociedades.”

Lélia Gonzalez rompeu a fronteira nacional. A gente não tem um racismo que é só nosso, o racismo acontece nessas sociedades latino-americanas. E ela rompe com as fronteiras étnico-raciais quando ela diz: “Eu sou do movimento negro, eu construo o movimento de mulheres negras, eu construo o movimento feminista, eu construo a luta antirracista desse país, eu luto nas conferências da ONU, que acontecem em diferentes partes, em diferentes continentes. Eu participo ativamente da luta antirracista, mas a luta antirracista não é só uma luta pela igualdade das pessoas negras nas Américas, é uma luta em solidariedade aos povos racializados, em especial aos povos originários e aos povos negros.”

Quando Lélia propõe a categoria de “amefricanidade”, ela diz: “É preciso levar em consideração as múltiplas línguas e linguagens e formas de expressão tanto dominando a língua ou as línguas dos colonizadores, mas também observando as línguas crioulas, as línguas que foram constituídas e construídas pela resistência, pela transgressão, pela persistência nesse continente americano. E a ideia de uma “amefricanidade” é di-

zer: “Nós não vamos ficar restritos a esse mundo pensando a partir apenas dessas categorias dos colonizadores, é preciso transcendê-los também linguisticamente”.

A ideia de Lélia Gonzalez de pensar a “amefrialadina”, não só como América Latina numa construção eurocentrada, mas como algo que amarraria todo o nosso continente. Ou seja, povos originários e Diáspora de Norte a Sul, trazendo então esse fato como referência para o centro do debate global. É muito importante pensar a Lélia Gonzalez como autora cosmopolita e global, porque é o lugar que lhe cabe ao pensar esses povos a partir das resistências diversas, como possibilidade de transformação. Significa também pensar que um feminismo afro-latino-americano formado pelas contribuições dessas mulheres como centro.

Lélia Gonzalez entendia que uma verdadeira revolução é com as mulheres ou não é, porque elas são, de fato, a base de sustentação da transformação cultural. Porque elas estão nas bases das famílias, porque elas estão nas bases das lutas, elas estão na base da construção democrática.



Samira Soares (Mediadora): Na Constituinte de 1987-1988 Lélia fez um discurso afrontando: A sociedade que se construiu no Brasil é a sociedade que se estratificou racialmente. Vemos que no Brasil as relações de poder se dão de uma forma absolutamente hierárquica, é uma sociedade onde cada um reconhece o seu lugar. É a sociedade do: “Você sabe com quem você está falando?”



Lívia Sant'Anna Vaz: Eu quero começar falando sobre a infantilização da mulher negra, que é um ensinamento muito importante de Lélia Gonzalez. Nós sempre seremos colocadas nas cozinhas ou nos quartos de despejo, como Carolina Maria de Jesus nos dizia, né? Então não há toga que nos proteja, não há jaleco que nos proteja e não há roupa de grife que nos proteja desse lugar que o racismo patriarcal quer nos colocar.

Nós somos complexas. As nossas vivências trazem complexidade para as nossas produções intelectuais. Uma complexidade que a branquitude não consegue alcançar. E aí essa branquitude quer nos colocar em caixas, nas caixas que elas, que eles moldam para nós e nós não aceitamos esse lugar.

E não é à toa que um livro como esse – A Justiça é uma mulher negra – somente em 2021 ganha difusão com as grandes obras de Lélia Gonzalez no Brasil; quando a própria Angela Davis nos disse aqui, em território brasileiro: “Vocês não precisam de mim, vocês têm Lélia Gonzalez”. Estou dizendo isso a partir da minha experiência como mulher negra no sistema de justiça, que às vezes é questionado: “Mas você é promotora de justiça ou ativista?” “É ativista ou escritora?”. Sou ativista, escritora, promotora de justiça, nordestina, candomblecista, mãe, tudo isso. Tudo isso!

Lélia nos ensina: “Ninguém nasce negra, a gente se torna negra”. Não nos permitem que nós nos tornemos negras em qualquer lugar, porque aí não vai caber uma promotora de justiça de turbante ou usando as suas guias do Candomblé... Eles querem escolher onde nós podemos nos tornar negras e nós não conseguimos e não queremos ser fatiadas e encaixotadas. Precisamos pensar essa complexidade do que é ser uma mulher negra, intelectual negra, escritora, filósofa, ativista, uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado no Brasil. Devemos pensar o que é ser essa mulher negra no sistema de justiça, que é um sistema branco, masculino e que produz uma lógica praticamente autofágica. É a branquitude produzindo por si e para si, e são homens brancos que ocupam esse lugar. É dizer que nós estamos diante de um grande pacto. Lembrando aqui Cida Bento, “narcísico da branquitude” que no sistema de justiça é muito evidente. E aí no livro “A justiça é uma mulher negra”, nós desdobramos esse pacto narcísico da branquitude em outros pactos. E o primeiro desses pactos eu diria que é o pacto da mediocridade. A branquitude é medíocre. Ela é medíocre! Medíocre, porque acha que ela se basta. Ela acha que ela não precisa beber da fonte das águas de Lélia Gonzalez,

por exemplo. E com isso ela empobrece, empobrece inclusive a nossa sociedade, a nossa democracia, o nosso sistema de justiça e a nossa própria justiça, a concepção de justiça que nós temos.

No fim das contas, juízes e juízas, promotores e promotoras de justiça, defensores públicos e defensoras públicas, são servidores públicos. Como você serve a um público que você não conhece? Cujas linguagens você desconhece e ignora e não quer conhecer, isso é o pior de tudo.

Eu afirmo e reafirmo, a justiça é uma mulher negra, nós precisamos, devemos, queremos ocupar todos os espaços que o nosso Orí merece. A nossa justiça não pode ser a representação da Themis, uma mulher branca, de origem mitológica grega e de olhos vendados. Nós não cabemos nessa justiça, essa justiça dos brancos, dos homens brancos.

A branquitude se exime das responsabilidades pela nossa história de escravidão, mas principalmente pelos efeitos perpetuados dessa história até os dias de hoje. E falar em responsabilidade é muito importante. Nunca debatemos de maneira séria, por exemplo, indenização a descendentes de pessoas escravizadas. Um pedido formal de desculpas do Estado brasileiro redundaria num debate sério sobre essa responsabilidade. E aí nós não podemos falar apenas da responsabilidade do Estado português e brasileiro, mas temos que falar ainda da responsabilidade da Igreja Católica e de diversas instituições privadas que enriqueceram às custas do sangue e suor negro nesse país.

Temos que falar também do pacto de hipocrisia. Um caso muito importante – Simone Diniz –, que eu venho sempre remembering, a partir do qual a Comissão Interamericana de Direitos Humanos reconheceu que o nosso sistema de justiça é institucionalmente racista. Nós temos uma longa trajetória de legalização, de reconhecimento da necessidade inclusive de criminalização de atos racistas.

E o que o nosso sistema faz? Na proteção, -porque a branquitude se auto protege -, faz um pacto de silêncio para a manu-

tenção e perpetuação de privilégios. Ele vai exigir um pacto narcísico da branquitude e aí vem o racismo por denegação. Num caso de racismo, como é que a gente chega a uma convicção inequívoca de que houve a intenção de discriminar? Com a confissão do réu. Não confessam!

Eu nunca peguei um caso em que uma pessoa denunciada por racismo, diz: “De fato, eu sou racista. Eu tive a intenção de discriminar”. Há vários argumentos para denegar esse racismo que estrutura a nossa sociedade, mas que estrutura também o comportamento das pessoas.

As mulheres negras estão nessa encruzilhada identitária, que é encruzilhada de Exu. Porque a nossa ancestralidade nos ensina que não se pede nada a Exu sem dar em troca, isso quer dizer reciprocidade. Não existe Direito e justiça sem reciprocidade. E é aí que as mulheres negras se encontram, nessa encruzilhada identitária de raça e de gênero, mas de tantas outras. Por isso os nossos movimentos lutam contra o racismo, o sexismo, a gordofobia, o genocídio da juventude negra, o etarismo, o capacitismo....

Nós lutamos por democracia efetivamente nesse país. E quero finalizar com um poema Luciene Nascimento que resume o porque que dizemos que a justiça é uma mulher Negra: “A justiça é uma mulher negra. ‘Onde ela está?’, pergunta a mãe do filho preso. Se parece comigo, mas no espelho não a encontro, sozinha não a vejo, mas quando os olhos cruzam o das irmãs à volta, localiza em sua coragem o epicentro e reconhece a sua tempestuosa revolta nesse vento que venta todas por dentro. Guarda atenta e ruidosa, nunca omissa, na histeria do seu útero a premissa. Grita forte, aguda, grave e submissa: ‘Ela é uma mulher negra a justiça’. Pois não passou despercebida a sua perícia, que por séculos usurparam com malícia, cuja posse sempre sua e vitalícia, retoma por direito e dá a notícia. Ela é da mulher negra a justiça. A justiça é uma mulher negra, porque não sendo não seria justa a justeza que a esse povo guia. A justiça é uma mulher negra, porque acha o direito na encruzilhada e nesse elemento firma os pés de sua caminhada. A justiça é



uma mulher negra, porque Oyá não está vendada. E finalmente sendo ela atenda a toda mazela, agora não passa nada”.

Samira Soares (Mediadora): “Cumé é que fica a trabalhadora negra?”. Lélia tinha uma admiração pelas atrizes e pelos atores. E aí ela faz uma homenagem a Zezé Motta, que se chama “A história de vida e louvor – Homenagem a Zezé”. E ela coloca que essa atriz que sofreu duramente com o racismo, ao protagonizar novelas em papéis que incomodou a elite brasileira.



Manu Moraes: Estamos vivendo novos tempos. Eu tenho muito orgulho de trabalhar há 24 anos numa instituição bicentenária, como o Banco do Brasil. Todos vocês sabem que o Banco do Brasil foi fundado no finalzinho do século XIX num país escravagista. E hoje nós temos uma presidenta, uma mulher LGBT, parda e que trouxe a diversidade para o centro da discussão dessa grande instituição.

No seu livro “O racismo e o sexismo na cultura brasileira” Lélia discorre sobre como a sociedade brasileira enxerga a mulher preta. Assim, perpassa por estereótipos: você tem a figura da mucama. Da palavra quimbundo, mucama quer dizer “escrava amásia”. Algo que é retirado do sentido que Aurélio e os outros dicionários normativos trazem, que é apenas “a mulher que trabalha”. É a escrava. Escravizada que fazia os trabalhos domésticos, a ama de leite. E aí nós pegamos a questão da consciência dominante em oposição à memória, à crítica, que Lélia tanto nos fala. A consciência dominante quer sempre apagar a história, quer sempre apagar essa memória crítica. Porque a senzala sabia que a mucama não era só a serviçal, a mucama também estava ali reproduzindo infelizmente e sendo violenta pela cultura do estupro. Estando à mercê dos seus patrões, dos seus senhores.

Há também a figura da mãe preta. Com Lélia aprendemos que a figura da mãe preta traz no seu cerne toda a doçura e submissão que a sociedade escravocrata quer passar da mu-

lher negra. E temos também a questão da mulata. Nós poderíamos pegar a mucama e dividir entre a mulata, que é o fetichismo, que é o endeusamento do objeto sexual, e a serviçal. Nas artes sempre houve o reforço dessa ideia da mulher negra nos papéis de subalternidade, em papéis onde o corpo, a estereotipação do nosso corpo é endeusada em detrimento de nosso talento.

Aos 15 anos, quando eu conheci o trabalho de Lélia, eu me deparei com a questão de não aceitar determinados papéis. Quem é da arte, pela arte ser tão difícil no nosso país, fica feliz e grato por todos os papéis, por todos os convites recebidos. Mas você começa a ver que há um padrão ali, só chamam você para fazer empregadas, prostitutas. É só chamam você pra personagens em que você vai reforçar a estereotipação que é dada para o lugar onde a mulher negra deve estar.

Quando Lélia faz essa comparação dizendo que o lugar que querem que sejamos vistos, que o preto ou que a preta tenha um lugar natural; ela tá dizendo isso, que as pessoas que estão no poder querem que nós pensemos que por mais que façamos movimentos, que por mais que tentamos quebrar essas correntes que foram colocadas principalmente na nossa mente, tudo se tornará muito difícil. Isso porque essa dominação é cultural, emocional e institucional.

Eu acredito que se Lélia tivesse aqui, ela acrescentaria mais um ponto em relação a esses três estereótipos: da mucama; da mãe preta; e da mulata. Hoje quem está sendo estigmatizada é a figura da lalorixá, que está sendo atacada independente das nossas concepções de religião. Percebam que atacam a figura de uma lalorixá, que é uma mulher preta que tem respeito, admiração, poder, porque ela gerencia toda uma comunidade. Os homens pretos a reverenciam, os meninos, as crianças pretas veem essa mulher como uma figura de poder. Então a nova estratégia é atacar uma lalorixá, você tem além das encruzilhadas, das interseccionalidades de raça, de gênero; você ainda tem também o racismo religioso.



Alguém da plateia (Pergunta para Carla Akotirene): Então se você puder trazer pra mim e para as pessoas que estão aí, como é que a gente trabalha, como é que a gente busca estratégias inclusive teóricas e metodológicas pra que interseccionalidade possa aparecer nessas análises que a gente faça como uma prática antirracista dentro da produção do conhecimento no Serviço Social brasileiro?

Carla Akotirene: O Serviço Social, ele tem uma necessidade epistemológica de louvar classe social e Karl Marx em detrimento da produção intelectual do feminismo negro e da nossa luta panafricanista. Eu penso que a nossa presença acadêmica também tem que ser uma presença muito articulada com as estratégias que foram desenvolvidas por Lélia, né? Hoje, com as redes sociais, a gente acaba diminuindo o esforço de se organizar dentro da universidade.

Lélia Gonzalez vai dizer pra gente que Menor de idade é uma categoria racializada. Ela vai dizer: “Se você é filho de alguém que é considerado malandro, adiante você também será considerada aquele que cometeu o ato infracional”. Quando eu estou, por exemplo, no meu atendimento, enquanto assistente social, eu entendo a necessidade do estado em criminalizar as mulheres negras, as mães de família. Os conselhos tutelares, que são totalmente capturados e ordenados a partir da perspectiva neopentecostal.

Quando a assistente social tá diante, da narrativa do Conselho Tutelar, dizendo que ela, mãe, não cuida do filho, a mãe de família não tem direito a dizer: “Mas a minha água não é encanada, o esgoto passa a céu aberto”. Facilmente a gente começa a criminalizar as mães de famílias por maus tratos, principalmente quando essas famílias, por exemplo, são adeptas da Umbanda e do Candomblé. Facilmente as assistentes sociais também produzem relatórios, dizendo que a iniciação é uma violência, porque está situando crianças e adolescentes dentro de um caminho demoníaco.



Flávia Rios: Eu acho que a interseccionalidade é uma teoria crítica, como vai dizer também Patrícia Hill Collins e que merece a sua adaptação no âmbito da política pública e pra isso exige-se formação. ...É um absurdo pensar a partir de uma perspectiva monocausal: reducionista e simplificadora. É preciso você repensar isso a partir de múltiplas categorias de opressão, dominação e exploração. E isso não quer dizer negar o marxismo, isso quer dizer complexifica-lo, transformá-lo.

Quando você lê um texto da Lélia Gonzalez você sente que ali tem uma energia, mas é uma energia que pulsa, não é aquela energia de quem fica sentado numa biblioteca só escrevendo, é aquela pessoa que tá lá na favela organizando junto com as mulheres, tá lá nos movimentos sociais, tá lá na formação dos partidos, tá lá fazendo campanha política, tá lá nos protestos. Ou seja, é uma escrita que pulsa, é uma escrita pulsante. E eu acho que é isso também que falta na nossa academia.



Manu Moraes: Eu gostaria de ler uma citação de Lélia: “Sabe qual é o negro mais bonito do mundo? É aquele que tem consciência de suas origens, suas raízes culturais. É aquele que tem atitude de quem sabe quem ele é, de quem sabe quem é ele mesmo e não um outro determinado pelo poder branco. Sou Lélia Gonzalez e não uma mulata gostosa, a doméstica escrava e nem a mãe negra de bom coração.



Lívia Sant'Anna Vaz: Lélia criou muitos casos e pra mim ela deixou um caso importante que a gente ainda não caminhou muito rumo à resolução, que é a nossa união, a nossa unidade como povo negro, homens negros e mulheres negras, na construção de um projeto político que nos envolva. Portanto, um projeto político “amefricoladino” pluriversal. Tá faltando isso e nós, mulheres negras, nos nossos movimentos de encruzilhada, sentimos falta de vocês, nossos irmãos negros.

É importante dizer que quando os homens negros, na nossa frente em geral, ocupam os pouquíssimos espaços de poder antes de nós, mulheres negras; eles precisam entender que essas concessões são feitas de fato, - sendo até redundante -, milimetricamente. E nós não conseguimos alcançar assim uma mobilidade social efetiva, isso não passa por aquele indivíduo homem negro que está naquele lugar de privilégio para homens negros no racismo patriarcal.

Vou finalizar com um trechinho aqui do livro de Bianca Santana, quando ela conta a história de Sueli Carneiro no “Continuo Preta”: “Dos homens negros esperamos que se abram para uma consciência racial interseccional. E que para lembrar Abdias Nascimento, para além de se fazerem cavalos, onde nós, mulheres negras que ainda não conseguimos chegar, abram caminhos para que efetivamente estejamos presentes e não precisemos mais ser representadas. Dizemos esperamos e não esperamos, porque, de fato, não estamos e nunca estivemos esperando passivas, estamos em luta por transformação, enquanto continuidade que somos de nossas ancestrais.”

E aqui vai uma referência e reverência a Toni Morrison, no romance “Paraíso”: “Então venham preparados ou não venham, venham preparados para se despir de sentimentos de dominação, desconfiança e preconceito. Para se unir a nós em uma unidade e sem disputas por protagonismos egóicos, na luta por uma justiça pluriversal. Venham preparados ou não venham, porque o nosso sonho de justiça e liberdade é o agora”.

2º DIA – 28-MAIO-2024

SEMINÁRIO

“Caminhos e Reflexões Antirracistas e Antissexistas” Salvador, BA

Convidada

Fabiana Lima



Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas Afro-Brasileiras em Artes, Tradições e Ensinações (ALDEIA/UFSB) e professora permanente do Programa de Pós-graduação em Artes (UFSB).

Convidado

Edson Lopes Cardoso



Jornalista, diretor editor do IROHIM, Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo - USP. Entre outros trabalhos, publicou o livro “Nada os trará de volta”.

Mediadora

Melina de Lima



Coordenadora de Articulação Interfederativa no Ministério da Igualdade Racial, diretora de cultura e educação do Instituto Memorial Lélia Gonzalez, co-fundadora do projeto Lélia Gonzalez Vive e neta orgulhosa de Lélia Gonzalez.

Convidada

Jurema Batista



Professora, vereadora por três mandatos pelo Município do Rio de Janeiro. Primeira Deputada Estadual Negra no Rio de Janeiro. Indicada para o Nobelda Paz em 2005.

Convidada

Manu Moraes



Atriz, Analista de TI, Especialização em Docência do Ensino Superior - Unicesumar e Graduada em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia.

PAINEL II

O Pensamento Decolonial de Lélia Gonzalez e sua contribuição para a Educação

FALA INSTITUCIONAL



Rosângela D'Angelis (assessora da Fundação Banco do Brasil): Eu peço permissão à minha ancestralidade de homens negros e mulheres negras e os honro, trazendo a 2ª edição da memória a Lélia Gonzalez, a essa cidade maravilhosa que acolheu muito bem essa proposta, esse projeto, que é Salvador. Mais do que uma memória de uma mulher forte, que traz os temas atuais, ela é uma proposta de reflexão pelas novas gerações, para que haja transformação nesses novos jovens. E que haja uma transformação também na sociedade. Essa é a proposta. Essa é a proposta da fundação, transformar vidas.

FALAS DO SEMINÁRIO



Melina de Lima (Mediadora): eu fui fazer História, quando eu escolhi meu curso, um dos motivos foi, eu queria entender por que que existia tanta diferença de... no tratamento pras pessoas negras. Eu queria saber por que que falam tanto pra gente que tudo que a gente aprende na escola tá errado? Por que que não ensinam o certo? Quando a Vó Lélia faleceu... Quando ela foi pro Orum, eu tinha oito anos. Então ler ela foi como eu conheci Lélia. Inclusive, foi com o Projeto Memória Lélia Gonzalez de 2015.



Uma das coisas que mais me encanta na Lélia Gonzalez e justamente esse domínio em todas as áreas e ela dominava todas as áreas pra ninguém ter o que falar quando ela falava. Todo mundo parava pra ouvir. Ela se especializou em todas as áreas. Em todas não, mas em quase todas. Justamente pra mostrar, porque ela já sacava a estruturação do racismo. Ela obviamente tinha essa facilidade em aprender. Em conhecer, em buscar, em procurar, saber onde procurar.

Foi, então, aí que Lélia também começou a entender a urgência da decolonização. Da gente conhecer, aprender, beber em outras fontes, além da europeia, de homens brancos. Foi quando ela foi ler sobre África. Foi quando ela foi ler sobre a “Améfricaladina”. A Vó Lélia já enxergava sobre a grande evasão, das crianças negras, isso nos anos 80. Assim, mais do que isso, uma coisa que também é muito importante falar, a Lei 10.639, ela está aí. A gente precisa da implementação dessa lei. Agora, essa lei não é só pras crianças negras, não é só pras pessoas negras, essa lei é pra branquitude também. Vocês precisam aprender quem são os nossos antepassados, é muito importante que todo mundo se preocupe e se ocupe lendo, saindo dessa caixinha branco europeia e se deleite com esse pensamento decolonial.

Jurema Batista: Conhecer Lélia Gonzalez mudou a minha vida, mudou a carreira, mudou tudo. Eu escondia o meu cabelo assim, né? Eu tinha uma vergonha do meu cabelo. É, eu ouvi tanto falar que cabelo de nego era cabelo ruim, que eu não queria que ninguém visse, nem eu.

Fui ver uma palestra de Lélia Gonzalez na Universidade. ela falava: “os negros moram nos piores lugares”, eu me lembrei da minha casa que a cada alagamento o barraco ia embora. Lélia prosseguia: “E não sei porque o negro é a maioria de empregadas doméstica”, eu lembrava da minha mãe. “Porque o negro...”. E aí ela falava de tudo e eu fui ficando impactada. A gente teve dificuldade de achar depois coisas que falassem de Lélia nos anais da intelectualidade. Então

eu me perguntei: “Por que quase não tem coisa de Lélia?”. E a gente começou a brigar muito, ultimamente eu tenho dado muitas entrevistas pra alunas de mestrado, de doutorado, que falam sobre Lélia Gonzalez.

E do quê que eu falo de Lélia? Exatamente dessa cultura que ela nos trouxe, de falar da questão de sexualidade, de ancestralidade. Ela falava disso: Quem são os nossos ancestrais? Quem somos nós? A gente tem um lugar nessa sociedade que não é reconhecido. E ela falava da questão da educação. Dizia que a maioria dos alunos que repetiam de série ou evadiam da sala de aula, era por uma questão racial.

Quando eu falava nos lugares, ouvia: “Ó, eu aprendi com a professora Lélia Gonzalez”. Durante muito tempo não foi assim, teve um apagão do nome de Lélia e eu penso que isso foi pensado, não era à toa. Porque ninguém queria dar à Lélia Gonzalez a visibilidade que ela tem hoje. Hoje o Brasil inteiro e internacionalmente se fala de Lélia Gonzalez. Isso não é pouca coisa, de onde nós saímos e onde a gente está... E então quando ela falava, dessa questão do racismo principalmente e ela focou muito na questão da mulher, sexismo.

Numa situação de extrema pobreza eu consegui, através de Lélia Gonzalez, vincular a questão da pobreza com a questão étnico-racial. E aí... aí, gente, não queira encontrar comigo de madrugada não, tá? Porque assim, eu virei uma... Olha, gente, eu virei uma coisa que nem eu... hoje eu fico pensando: “Caramba”. A idade também ajuda, né? A maturidade. Porque eu fiquei muito braba. E eu custei a entender por que era aquela brabeza. A brabeza era porque eu fui enganada a vida inteira. Me disseram que eu morava num país que não era de verdade, que as pessoas tinham liberdade e isso não era verdade, estava terminando ainda a Ditadura Militar, aspas, né? Não era verdade que o negro podia ser o que quisesse, não era verdade. Não era verdade que mulher podia ser o que quisesse.

Já viram o filme “O Show de Truman – O Show da Vida”? Eu vivia no “Show de Truman”. Foi isso o que aconteceu comi-

go, porque aquele mundo nunca existiu, nunca existiu. E esse mundo foi quebrado a partir do dia que eu conheci Lélia. Naquela época em que Lélia começou a falar de racismo e sexismo não era fácil, ela apanhava muito.

Lélia mudou a história da minha vida. Hoje eu podia ser realmente a professora de grego, podia ser boa professora de grego, mas, o lá de cima falou: “Não. “Tô mandando uma aí pra te encaminhar nessa Terra”. E o nome dessa pessoa é Lélia Gonzalez.



Melina de Lima (Mediadora): Precisou uma negra norte-americana, estadunidense, falar sobre Lélia Gonzalez, pra começarem a olhar para Lélia Gonzalez. Porque buscavam o feminismo negro em Ângela Davis tendo Lélia Gonzalez? É o que eu chamo também de Síndrome de Vira-Lata.



Fabiana Lima: Diferentemente de Jurema e do Edson que tá aqui também, eu não convivi com Lélia Gonzalez. Eu faço parte da geração que acessa Lélia pelos livros, por seus artigos, por sua obra. A primeira vez que ouvi o nome de Lélia Gonzalez, foi em 1995, na semana da morte de Beatriz de Nascimento. Eu estava na casa de Helena Theodoro e ela muito triste, muito emocionada, trouxe o contexto da morte da Beatriz, e disse: “Nossa, ano passado nós já tínhamos perdido Lélia”, né? E eu fiquei com esses dois nomes, tanto de Beatriz, quanto de Lélia.

E anos depois, dois, três anos depois, quando eu entrei na pós-graduação, aí sim eu fui ler os pensadores e pensadoras negros e negras brasileiros. E apesar de ser de uma geração diferente de Jurema e de Edson também, o meu sistema a minha vida escolar foi uma vida de embranquecimento. Ciente de que a linguagem acadêmica não dava conta das discussões do que eu queria fazer; fui buscar pensadores e pensadoras negras, dentre esses, Lélia Gonzalez.

E aí eu fiquei pensando, como pensar Lélia e sua contribuição para a educação decolonial? Então eu pensei em trazer aqui, hoje o pensar Lélia como um legado. Um legado intelectual, militante, mas também existencial. Lélia me ensina também a ser mulher negra, a ser mulher negra intelectual na academia, uma academia ainda hoje, em 2024, embranquecida, uma academia ainda eurocêntrica, uma academia ainda em que os nossos saberes, a nossa produção de conhecimento ainda está à margem. E nesse sentido eu entendo Lélia como uma intérprete feminista afro-latino-americana do Brasil.

Aí, fui me juntando à pesquisadora Raquel Barreto, que na sua tese de doutorado entende a Lélia como uma intérprete do Brasil. De fato, a gente revê o Brasil a partir da produção intelectual de Lélia e revê o Brasil a partir do ponto de vista dos povos subalternizados, principalmente do ponto de vista de uma mulher negra. Patrícia Hill Collins fala, que é a experiência como índice de significação. E então não é à toa que os textos de Lélia são deliciosos de se ler. Por quê? Porque são anedotas, são histórias. Um compromisso consciente de Lélia também para através dessa memória, dessas histórias, dessas narrativas, aproximar a teoria dela, que era avançadíssima, pra o maior número de pessoas.

Esse compromisso de democratizar o conhecimento, essa desierarquização dos territórios, como também significava essa desierarquização de saberes, ela pedia novos materiais didáticos. E novos materiais didáticos que contemplassem os saberes, os corpos, a memória, o ritmo, a performance dos povos negro-africanos no Brasil, como uma afirmação crítica da decolonialidade.

Todo o projeto político de Lélia, como disse Jurema, era tirar a população negra de objeto da ciência e transformá-la em sujeito da ciência. E um dos principais conceitos de Lélia, e “amefricanidade”. enquanto uma pedagogia contra colonial. E aí Lélia mostra no artigo a categoria político-cultural da “amefricanidade”. O termo “amefricanas, amefricanos”, designa toda uma descendência, não só a dos africanos trazidos pelo tráfico

negreiro, como daqueles que chegaram à América muito antes de Colombo.

Lélia perfaz o caminho metodológico de historiadores africanos ao descolonizar a historiografia daquele continente para além da presença dos colonizadores europeus, pensando a África de antes da colonização europeia e de depois das guerras de descolonização. É uma forma de fazer ciência que passa pelas fontes historiográficas, mas também pela imaginação. Se a gente não pode dar conta com fontes historiográficas, vai pela imaginação.

A morte de Lélia nos ensina e nos orienta a pensar num novo modelo de civilização. Um modelo de civilização que não só afirme as nossas diferenças, que todos e todas nós e todes aqui nessa sala me parece que, de uma forma ou de outra, trabalhamos pra isso. Pra finalizar eu relembro uma frase de Audrey Lorde que eu amo, Porque acho que tem tudo a ver com essa reflexão final de Lélia: “O pai branco nos diz: “Penso, logo existo”. A mãe negra dentro de nós sussurra em nossos sonhos: “Sinto, logo posso ser livre”. Então me parece que a libertação que Lélia traz para a gente também passe, e deve passar, pela dimensão dos sentimentos.



Edson Cardoso: Lélia sofreu horrores. Essa unanimidade de hoje é de hoje, mas não era assim que a banda tocava. A banda não tocava assim na militância. Hoje, pra quem tá jovem fazendo luta contra o racismo, não tem ideia do que foi fazer o enfrentamento do racismo numa sociedade adversa. Vocês querem ter uma dimensão. Não existe praticamente uma pessoa, das que participarão dos debates sobre democracia no Teatro Casagrande no Rio de Janeiro, ninguém que falasse da questão racial. E eu li tudo com atenção. Uma pessoa na plateia um dia levanta a questão se a publicidade brasileira não é racista, é cortado na mesma hora. Que não é isso, é porque os negros são pobres e os pobres não compram, é por isso que o negro não está na publicidade.

Lélia estava antenada na sociedade, a nossa sociedade estava rolando uma outra coisa, que vai desembocar no Movimento Negro Unificado, em 78. Mas ninguém estava vendo isso. Se você pegar a discussão de quem era avançado na década de 70, a questão racial existia nos Estados Unidos e a luta de descolonização na África. Ponto. Mas aqui no Brasil nada, nada. As lideranças femininas sofreram o diabo, sofreram o diabo lá fora, para se afirmar como sociedade, e até mesmo dentro das próprias instituições.

Isso eu posso contar pra vocês, até de agente da CIA Lelia foi chamada. para vocês terem uma ideia da barbaridade que se pode fazer com uma pessoa. O estruturalismo viu uma coisa assim que foi um negócio muito interessante. É das coisas mais inteligentes que eu conheço, que é em síntese o seguinte: a sociedade, as relações sociais, espelham muitas vezes processos linguísticos. Eu considero isso das coisas mais inteligentes que eu já ouvi na minha vida, de que processos da linguagem, na verdade, é que deram origem à processos sociais. Lembra daquilo que está no texto bíblico, no princípio era o verbo, parece que a língua é uma coisa bem mais profunda do que nós achamos.

Eu tenho que contar como eu conheci Lélia. Um debate na conjuntura pré-Constituinte, em Brasília. Ela estava com o Carlos Hasenbalg. Ela fez uma crítica ao PT daquele jeito que ela falava. É importante que a Fundação Banco do Brasil, se puder coroar esse projeto com um CD que possa acompanhar livro, com uma palestra de Lélia. Para que as pessoas mais jovens possam ouvi-la, é importante ouvir. Pedi a palavra para contar nós fazíamos como comissão do negro do PT no Distrito Federal. Ela chegou e disse assim: “Ó, isso que você tá falando aí não é PT não, isso que você tá falando aí é MNU”. E digo para vocês, eu passei duas noites em conversa com ela que eu não esqueço, uma na casa de Dulce Pereira, em São Paulo, e a outra na casa dela, em Santa Tereza, com Luiza Bairros. ela me disse assim: “Eu acho que eu nunca falei sozinha, todas as vezes que ia falar

eu achava que nunca tava sozinha”. Essa fala dela a gente precisa recuperar, não dá para só recuperar transcrição de texto não, a gente tem que ir atrás. Lélia tem que ouvir, é importante ouvi-la falando, é muito importante.

Por incrível que pareça você pega a definição de quem é brasileiro na Constituição e descobre vendo quem é brasileiro e como é que você tem cidadania, dupla cidadania, como é aceita a dupla cidadania, que existe uma coisa chamada “identidade originária” na nossa Constituição. Aí você fala: “Opa, identidade originária?”. E quem tem identidade originária no Brasil? Mas eles estão se referindo sabe a quê? Ao fato de você ser descendente de italianos... Ser brasileiro, nasceu no Brasil, é brasileiro, mas ao mesmo tempo a Itália reconhecer sua identidade que é chamada na nossa Constituição de identidade originária.

A nossa identidade originária é africana e a África está em frente a nós. Pensa assim, que eu sou mágico e que eu estou com uma cartola aqui e escondo um coelho, pá, na minha cartola. Todo mundo conhece essa cena, o mágico tira um coelho da cartola. Agora, pensa uma cartola em que o que ela esconde é um continente, como a África. Eu pegar o continente, meter na cartola e fazer ele desaparecer. Pensa essa imagem. Pois é o que fizeram conosco e com a África. O Brasil é África e é como se isso tivesse desaparecido de nossa consciência, da realidade do nosso cotidiano, é como se isso fosse um detalhe assim que não tem a menor importância. Eu não sei quem já esteve lá, mas quem um dia estiver lá vai descobrir.

Você vai dizer: “Meu Deus, agora que eu estou descobrindo que aquele modo que nós temos de falar, de vender na feira, de carregar menino, tudo é África, tudo é África! Tizuka Yamasaki, a diretora de cinema, filha de japoneses, tem cara de japonesa, tudo japonês, mas ela é brasileira. A frase “A África civilizou o Brasil” é profundamente verdadeira, esse país foi civilizado pela África. Não adianta, não tem para onde a gente correr. É isso. É essa que é a realidade.



Manu Moraes: Lá em casa o que se ouvia é que a caneta é mais leve que a vassoura. fazemos parte de uma família matriarcal, nós somos em sua maioria mulheres pretas, e elas viam e vislumbravam na educação, a possibilidade de você ser disruptivo. Duas costureiras, duas instrutoras, eram professoras e costureiras. Viam nessa na educação dessas suas filhas, no empoderamento de suas filhas a saída para que mulheres, essas suas filhas tivessem um lugar de voz e de fala na sociedade.

É a gente precisa se apropriar da fala e da linguagem, porque foi a primeira coisa que nos tiraram quando fomos sequestrados para cá, atendendo essa questão do apagamento. Trata-se de você esquecer o seu jeito de falar e até esquecer a sua língua. Então a proposta de educação é realmente algo disruptivo e Lélia nos ensina a ser subversivos. Nós, educadores precisamos ser subversivos, precisamos ser como o vírus. O vírus entra num sistema, o vírus aprende como aquele sistema funciona, o vírus aprende a linguagem dele e passa a dizer para aquele sistema o jeito, passa o seu código, sua fala, o seu jeito de dizer as coisas e aí come o sistema por dentro. E esse vírus é educação.

Lélia diz isso para a gente: “Ah, mas tudo pra vocês é racismo, tudo pra vocês é preconceito”. Mas é, gente. Infelizmente é. Duvidem de tudo que disseram ou que dizem sobre nós, sobre o que a consciência dominante, sobre o que o sistema falou sobre nós. Essas coisas não resistem a luz da lógica, três porquês, às vezes não chegam nem a dois. Por quê? Toda vez que lhe disserem algo: “Por que é que é assim?” Questionem. Então nós precisamos questionar tudo o que vem, tudo o que é dito, tudo o que foi dito. E Lélia nos fala isso.

Krenak nos alerta: “Estamos numa guerra”. Sim, estamos numa guerra. E é preciso que sejamos e que tenhamos o pensamento de que estamos em trincheiras e cada um de nós, e com todas as nossas interações. Não se sintam melindrados quando dizem: “Ah, mas tudo é racismo? Tudo é preconceito?”. Porque é. Nós estamos reagindo, nós estamos bebendo atra-

vés da nossa ancestralidade, de Lélia e de outros, nós estamos sabendo agora como agir.

A democracia racial nos acalmou, a democracia racial tirou o nosso ímpeto. E como nós derrubamos esse mito, como nós já sabemos, através de Lélia e de outros, que esse mito caiu por terra, nós estamos sendo chamados a ação. E essa ação acontece na nossa interação diária, com quem está do nosso lado. O principal instrumento é a educação, uma educação decolonial. É preciso tirar essa névoa que foi colocada, durante todo esse tempo, nos olhos dos nossos professores e dos nossos alunos. A importância que deve ser dada à Lei 10.639, sim, que foi falado e refalado aqui. Nós precisamos discutir, trazer a história e a cultura africanas para as escolas, porque é necessário que saibam que nós não viemos, nós não fomos sequestrados simplesmente por sermos força braçal. Mais do que isso, nós fomos trazidos para cá por conta dos conhecimentos que nós detínhamos na época, de mineração, metalurgia, cerâmica, de agricultura, de irrigada. É preciso que se conte que havia uma história pré-colonial. É preciso saber que a nossa história começa antes de 1540, 1530, quando começou o tráfico negro.

Vamos levar pessoas negras, pessoas com saberes e vivências dos negros para as esferas de poder, porque só assim a gente realmente vai ter essa transformação que nós precisamos, só assim nós vamos honrar o legado de Lélia Gonzalez. Para finalizar, eu gostaria de declamar um pequeno poema de dois jovens negros atores baianos, Thalia Natália e Matheus Zumbori, é algo muito simples: “O que quer a mulher preta? O que quer o homem preto? Essa pergunta precisa ecoar. Me diga qual a sensação de saber a sua origem. De viver num mundo onde você é um senhor. De não ser perseguido e nem ser perseguidor. Eu quero redescobrir quem eu sou. Pela minha história, nem um passo atrás. Pelo meu povo, nem um passo atrás. Nem um passo atrás.”

Alguém da plateia: minha geração vive hoje a possibilidade de falar mais sobre o racismo, de forma direta. Qual é a melhor

maneira de a gente fazer isso? Eu sei que com as redes sociais a gente acaba se aquilombando dentro delas, pra poder falar, pra poder se expressar. A gente acaba sendo acusado de “mimi”. E é muito difícil para minha geração falar de racismo sem ser chacoteado na internet.

Alguém da plateia: como é triste hoje a gente ver dentro das escolas, sem desmerecer nenhuma religião, professores da linha pentecostal. Eles vêm destruindo. Sei de um caso de um professor de Sociologia dizer, falar de búzios é coisa de Candomblé.

Alguém da plateia: Professora, gostaria que você, falasse um pouco, uma coisa que você disse um dia num seminário, que nós temos que escrever a nossa própria história, pra adentrar as escolas, levando o nosso material. Tudo que vocês disseram aqui, Jurema, eu acho que é uma verdade, é construir toda a nossa história. Por que nós não o fizemos? Há o dominador, a classe dominante não tem nenhum interesse que a escola a universidade abandone a concepção eurocêntrica?

Fabiana Lima: acho que vivemos um momento histórico muito desafiador, muito dilacerante, muito por conta das nossas redes sociais. E eu não sei se por conta das redes sociais, mas eu acho que pelo uso mercadológico dela.

Edson, Jurema, eles estão falando de um projeto de transformação de uma sociedade inteira. Portanto, de projetos políticos coletivos, não é? A gente não está falando de uma ascensão da população negra para acessar toda a dinâmica do capital. Aliás, no cerne do pensamento de Lélia tem toda uma discussão crítica acerca do capitalismo. É importante que a gente traga isso também, porque senão a gente se perde.

Então me parece que a gente precisa de alguma forma de se distanciar das redes, porque a rede, ela pode ser utilizada também com um instrumento de transformação política, mas não só. a gente precisa ler, a gente precisa de mais momentos como esses. Eu acho que fazer educação antirracista é estar



nos territórios, é fazer uma educação que contemple os saberes dos territórios, as corporalidades dos territórios com todas as suas contradições. E sou uma defensora dos cursos interdisciplinares. Acho que os problemas complexos da contemporaneidade a gente só dá conta numa perspectiva interdisciplinar.

Lélia fazia isso colocando também a arte no centro de tudo. O pensamento negro de Lélia não é só um pensamento filosófico, sociológico e antropológico, ele é criativo e artístico também. Não é à toa que ela também atuava em frentes artísticas de diferentes formas. Roteirizando uma série de coisas. Então é isso, não é uma resposta, gente, não. São possibilidades, tá?

Edson Cardoso: A nossa televisão até ontem era igual a um selo colonial. Nós de movimentos negros costumávamos dizer que tinha mais branco na tv brasileira do que na tv sueca. Era o que o movimento negro dizia, era assim que a gente falava. Não tem ninguém. Bom, aí você liga a tv hoje, você vê rostos negros.

Em Angola ou Moçambique depois de libertação, o selo mudou a imagem porque houve uma mudança de status, de colônia passou a país independente. E aqui aconteceu o quê? Aconteceu alguma coisa? Não. O que está acontecendo com essa presença dessas imagens, essa visibilidade? O que determinou que agora as coisas sejam assim? Mudou a TV? Tem gente convencido de que mudou. Sexta-feira, as pessoas aparecem de branco na Globo News, então mudou. Mudou?

Tem um índio na Academia Brasileira de Letras. É o quê? O reconhecimento de que o indígena é humano? Tem alguma coisa que se deslocou na sociedade brasileira? O quê? Em que dimensão? O quanto disso tem a ver com os nossos esforços? Estão controlando isso? Tem um conta-gotas que eles controlam; e porque tem uns discursos, que embora vindo de pessoa negra e tal, eu acho reacionários, certo?

Não é porque uma pessoa negra que está discursando que eu

estou achando legal, eu não entro nessa. A cor é muito importante para o racismo, mas não é para nós. A gente precisa entender isso, nós que lutamos contra o racismo não achamos que a cor da pele determina nada na pessoa. É por isso que a gente faz a luta contra o racismo, porque quem acha que a cor determina alguma coisa são os racistas.

Como é que as coisas estão se dando? Controlam um processo e fazem manipulação? Como é isso? Então esse tipo de análise a gente vai ter que fazer, a gente não vai encontrar pronto isso não. A gente vai ter que se sentar, conversar francamente sobre o que queremos e o que significa isso, porque senão as pessoas vão dizer: “Não era isso que vocês queriam? Então vocês estão na tv”. Então é a tv que a gente queria?

A África mesmo não existe no noticiário brasileiro, ninguém quer nem saber o que existe, o que acontece na África. Ah!... e tem África? Porque a imprensa brasileira não quer nem saber. Não tem correspondente, não tem nota, não tem nada. Milhões de pessoas, o futuro da humanidade passa por aquele continente. Mas não interessa, não interessa ninguém. Você não vê ninguém, não tem notícia, não tem nada, só se fala quando ocorre uma catástrofe, assim, tipo um terremoto, não sei.

Na TV aparecem correspondentes, vários que nem parecem nem ler um jornal americano, todo mundo falando de Nova Iorque, com emprego em Nova Iorque, eu vejo isso na Globo News. Mas o que eles dizem é tão superficial. E justifica aquele investimento, aquele dinheiro? A gente não percebe nenhuma ação jornalística séria nos Estados Unidos. O que os brasileiros estão fazendo lá pra Globo News, eu não percebo nada.

Então tudo isso é educação, tudo isso é educativo, tudo isso forma. E aí aparecem algumas pessoas na televisão nossa aqui da Bahia que porque ancestralidade, porque a ancestralidade. E digo: “Êta ferro, e tome-lhe ancestralidade”. A ancestralidade virou assim arroz de festa. Vocês já notaram isso? Meu Deus do céu. E tome-lhe ancestralidade: “Porque a nossa ancestralidade, a nossa ancestralidade”. Êpa. Êpa, êpa, Êpa. Devagar....



Todas as cenas, todas as sequências de anúncio, eu vou contando, tem pessoas negras. Eu digo: “Ôxente, o quê que tá acontecendo que eu não tô sabendo?”. O quê que significa isso? Mudança real nas relações sociais? Mudanças estruturais? O quê que é, gente? Alguém me fala o que tá sabendo?

É. Pois é, a gente precisa saber. Então tem uma série de processos. A lei 10.639 é a mesma coisa, tamo, tá lá, tá na escola, tá não sei o quê, é lei, mas quando você se aproxima é nenhuma. Entendeu? É muito superfície, é muito verniz, mas é um faz de conta que fica nos enganando. É ou, não é? Tem muita atitude. Atitude e ancestralidade, é o que eu mais vejo por aí. Está cheio de atitude e ancestralidade... É verdade ou, não é? Atitude e ancestralidade.

Manu Moraes: E hoje o espaço escolar, ela está servindo como um espaço de manutenção de questões racistas, ela está servindo como um espaço angustiante pros nossos alunos. O racismo influencia na evasão escolar. E eu aponto uma outra interseccionalidade, que é a questão religiosa.

E preciso falar abertamente sobre o que está acontecendo, evitando o racismo científico, o apagamento epistemológico, tudo isso. E eu já proponho uma atitude, Jurema: o constrangimento pedagógico. Quando você estiver frente à uma atitude racista, seja você uma pessoa preta ou antirracista, jogue a pergunta de volta, jogue o constrangimento de volta para o racista. Essas pessoas precisam ser constrangidas, elas precisam sentir a angústia que nós sentimos.



Jurema Batista: A amiga, perguntou sobre a questão do como fazer militância hoje. Não tem uma coisa pronta. Porque cada situação é uma situação. Uma coisa que inventaram, por exemplo, que criança negra que sofre racismo, agora amenizaram dando o nome de bullying. É Bullying?. Não é bullying, racismo é racismo e bullying e bullying. Então não pode mudar o nome das coisas assim, fazer um

eufemismo, né, do que significa racismo pra uma criança. Quando numa escola rasgam todo o material dele, como aconteceu lá no Rio de Janeiro, e as pessoas acham que foi bullying. Eu falo: “Não. O nome disso é racismo.

Aí voltando no que Edson falou, as coisas estão mudando, a gente tem que saber pra que, para onde tá indo esse barco. Tá mudando? Tá. Por exemplo, eu vejo lá no Rio o que está ocorrendo no RJ TV. Todos as repórteres são negras. Todas, todas as repórteres. Todas as novelas da Globo agora têm personagens negros. E não como caricatura. Por quê? É isso que Edson falou, a gente reclamava que não tinha negro e agora que tem, o quê que a gente vai dizer? Então a gente tem que ter muita roda de conversa, muita análise de conjuntura.

Eles não tão de bobeira, eles são mais espertos. São espertos. Não que nós sejamos burros, mas eles, primeiro, tão de olho na audiência e isso dá audiência para eles. Temos que discutir. Porque eu vejo muitas pessoas dizendo assim: “Ah, eu não vejo a Record não, agora eu só vejo a Globo, porque a Globo tem vários artistas negros”. E veja: e eles vivem de quê? De audiência, de dinheiro. Cada comercial que eles fazem eles ganham dinheiro. Então para o comercial ganhar dinheiro tem que ter negro. Dá ibope!

A nova palavra agora é “mimimi” “Já vem Jurema com esse mimimi”. “Já vem Edson com esse mimimi”. Entendeu? Então assim, para desmontar o nosso discurso antirracista eles dizem que é mimimi. Então é um novo contexto. Antes eles quase batiam na cara da gente mesmo, dizendo o racismo não existia, agora suavizaram, de novo o eufemismo.

Estamos diante de uma nova configuração do que é o racismo no Brasil hoje. Eles mudaram? Agora a gente não pode nem reclamar, toda as meninas lá na Globo têm a cara das minhas filhas. O quê que a gente reclamava? Ah, a gente nem se vê nelas. Porque tinha a Ruth de Souza, que eles colocavam sempre para papel de empregada. Tinha o Tião Macalé que fazia “No-

jenta”. Tinha a Tia Anastácia, que era a cozinheira. Mas agora não, agora a galera tá empoderada lá na telinha. É essa a discussão que a gente vai ter que fazer, pra desmontar esse castelo de cartas que eles fizeram. Um castelo que a gente pode até achar que tá abrigado dentro, mas ele é de cartas.



Manu Moraes: Uma nova face: é a “democracia racial” versão dois.



Melina de Lima: A gente tem espaço, mas não tem poder.

Realização:



Parceria:



PROJETO
MEMÓRIA

LÉLIA Gonzalez

Caminhos
e Reflexões
Antirracistas e
Antissexistas



www.projetoleliagonzalez.com.br

Acompanhe o Projeto Memória nas Redes Sociais:

 @pm_eliagonzalez  @pm_eliagonzalez  pm_eliagonzalez